



CONCEPÇÃO CIENTÍFICA DA CONSCIÊNCIA: DO INDIVIDUAL AO TRANSPESSOAL

NOVA, Flávia Magaly Oliva Nunes

*Estudante de mestrado do Programa de Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social da
Fundação Visconde de Cairu
humanize@gmail.com*

RESUMO

Na concepção holística, a consciência e a matéria são vistas como faces de uma mesma totalidade. O artigo tem como objetivo geral elaborar breve histórico da concepção científica de Consciência, em especial, da perspectiva da psicologia, tendo em vista as transformações paradigmáticas, ocorridas desde o Renascimento. Pretende ainda discutir as concepções de ciência e as repercussões da teoria quântica na compreensão da consciência. A opção metodológica foi a pesquisa bibliográfica. Constatou-se que a Psicologia Transpessoal está fundamentada em descobertas da física quântica; que a separação entre onda e partícula, corpo e mente, observado e observador é artificial e falaciosa; Concluiu-se que a concepção de um universo uno, autoconsciente e indissociável é fundamental para gerar a revolução de mentalidade necessária ao desenvolvimento, atitudes mais sustentáveis do ponto de vista da ecologia profunda.

Palavras-chave: Ciência. Consciência. Psicologia Transpessoal

ABSTRACT

In holistic approach, awareness and matter are seen as sides of the same whole. This article aims to elaborate a brief history of the scientific conception of consciousness, in particular from the psychology perspective, taking into account the paradigmatic transformations that occurred since the Renaissance. It also intends to discuss the conceptions of science and the implications of the quantum theory to the comprehension of awareness. The method used was bibliographic research. It was found that the Transpersonal Psychology is grounded on discoveries of quantum physics; that the separation between wave and particle, body and mind, observed and observer is artificial and fallacious; the conclusion was that the conception of a unique, self-conscious and inseparable universe is basal to generate the revolution of mentality that is needed to development, more sustainable attitudes from the viewpoint of deep ecology.

Key-words: Science. Consciousness. Transpersonal Psychology

INTRODUÇÃO

A atuação como psicóloga levou-me a perceber os frequentes questionamentos a respeito dos sintomas psico-emocionais de seres humanos. Uma dúvida comum gira em torno da dicotomia entre soma e psique. A pergunta geralmente feita é se determinada patologia é orgânica ou psicológica. Isso evidencia a visão determinista de uma concepção em que mente e corpo são como duas instâncias distintas e opostas. Essa forma fragmentada de pensar foi



alavancada entre os séculos XVI e XVII e permaneceu predominante até o início do século XX, quando começou a ruir, diante das revelações do mundo subatômico e do emergente paradigma holístico. Nesse período, atinge ideologicamente as mais diversas ciências e alcança também o senso comum, evidenciando-se como um poderoso paradigma (CAPRA 1982, 1996; GOSWAMI, 2008; DI BIASE e ROCHA, 2005)

Com essa preocupação, o artigo tem como objetivo geral elaborar breve histórico da concepção científica da Consciência, em especial da perspectiva da psicologia, tendo em vista as transformações paradigmáticas científico-culturais ocorridas entre a emergência do movimento Renascentista e o momento atual. Pretende ainda discutir a concepção de ciência tradicional e contemporânea; compreender a evolução da concepção de consciência pela psicologia científica, desde o modelo materialista-mecanicista até o transpessoal; discutir as repercussões da teoria quântica na concepção científica de consciência.

A opção metodológica foi a pesquisa bibliográfica, descritiva e qualitativa, embasada principalmente em Gil (2006).

A estrutura do artigo está apresentada em seções que abordam: o paradigma cartesiano-mecanicista e a ciência, a concepção de consciência ao longo da história da psicologia científica, a psicologia transpessoal e a emergente concepção de consciência.

PARADIGMA CARTESIANO-MECANICISTA E A CIÊNCIA

O que torna real o ser humano, ou seja, existente? aquele que existe (eu prefiro deixar existente porque coloquei esta palavra como sinônimo se “real” inspirada por Descartes (penso, logo existo, ou seja, sou real)? O que, de fato, prova que é uma verdade a sua presença? A resposta seria a sua concretude? Isto é, a matéria do qual é feito (o fato de possuir massa), ou o fato de pensar sobre a sua concretude? O que torna a matéria real, senão o fato de nós a percebermos como concreta? Krishnamurti (1976, p. 42) afirma que

O pensador é o pensamento, mas o pensamento se põe a divagar; então, o pensador, considerando-se separado, diz: “Tenho de controlá-lo”. O pensador é diferente da coisa chamada ‘pensamento’? Se não há pensamento, há pensador?

Apresentado desta forma, pode parecer óbvio que não seja possível separar observado de observador. No entanto, a partir do século XVI, com a concepção de separação entre mente e



matéria defendida por Descartes, o pensamento científico configurou-se por meio da premissa de que sujeito e objeto são entidades distintas (CAPRA, 1996; GOSWAMI, 2012)

De acordo com Capra (1996) as novas descobertas da física, astronomia e matemática, conhecidas como Revolução Científica provocaram uma mudança radical. Esclarece o autor que:

Nos séculos XVI e XVII, a visão de mundo medieval, baseada na filosofia aristotélica e na teologia cristã, mudou radicalmente. A noção de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção do mundo como uma máquina, e a máquina do mundo tornou-se a metáfora dominante da era moderna. (CAPRA, 1996, p. 34).

Essa revolução direcionou o entendimento no sentido de que a razão deveria assumir o lugar de juiz no processo de discernimento entre verdades e ilusões, em detrimento da fé ingênua que dominava o conhecimento na Idade Média. Segundo Figueiredo (2003, p. 15), o pensamento de Francis Bacon foi decisivo nesta mudança, porque:

“[...] o rasgo mais moderno de sua filosofia da ciência é, na verdade, o rigoroso julgamento a que são submetidas as tendências anticientíficas do espírito. Não se trata apenas de ampliar o tema renascentista do rompimento com a tradição e com os preconceitos que, na própria Renascença, resultava na curiosidade e na imaginação sem freios, na credulidade e na ingenuidade.”

Desta forma, a busca pela superação da ilusão medieval, aliada à ideia de que a realidade seria uma instância separada do observador, proporcionou à matéria o *status* de verdade a ser alcançada, fazendo dos seres conscientes, meros expectadores dessa verdade e da ciência, o método de excluir o máximo possível a subjetividade do fato. Desde então, houve um contínuo esforço em direção à objetividade absoluta da observação científica, isto é, na tentativa de fazer com que o ser pensante apreendesse, cada vez mais em sua essência, a realidade que seria externa e independente dele. Neste sentido, Heidbreder (1981) afirma que “o método científico é um dispositivo para proteger aquele que investiga da influência do seu interesse na própria pesquisa (HEIDBREDER, 1981. pg.71).”

Desde Francis Bacon, percebe-se, portanto, a contundente intenção da ciência em tornar o conhecimento válido através da extrema objetividade. Para Di Biase e Rocha (2005, p. 32) o movimento renascentista foi “[...] uma revolução cultural e social, voltada para a busca de certezas que não fossem dependentes da autoridade do Estado e da visão eclesiástica”. Desta maneira, com o intuito de livrar-se da concepção de mundo medieval, em que o observador



confundia-se com o observado, tornando tendenciosa a observação, o pensamento científico moderno fechou-se na posição extrema oposta, a da fragmentação absoluta, em que a realidade é totalmente externa ao observador. Essa visão fragmentada retomou a concepção atomista e determinista de Demócrito, em que “[O homem, assim como o resto do mundo, é composto de átomos da alma e átomos do corpo, ambos materiais, mas que diferem uns dos outros por serem os primeiros mais sutis e mais ativos.” (HEIDBREDER, 1981, p. 29).

Ao denunciar os abusos supersticiosos e preconceituosos do pensamento antigo e assumir um mundo material e externo como o real a ser alcançado, o pensamento científico moderno, de certa forma, cometeu o mesmo erro que seus antecessores medievais, caindo no lado inverso da mesma ilusão. Dentro desta acepção, Bohm (2008, p. 22) esclarece que tanto a forma de pensar antiga quanto a moderna “[...] são ‘ofuscadas’ pela noção de que as teorias oferecem o verdadeiro conhecimento sobre a realidade como ela é”. Este entendimento levou os sujeitos de ambas as épocas a confundirem as interpretações feitas com base nas teorias com uma realidade que independe de suas crenças.

Neste sentido, a hipótese de que haveria uma realidade separada e independente do observador passou a ser amplamente considerada *a priori*, tornando-se um paradigma. Para Bohm (2008, p. 18), embora a maneira fragmentada de pensar seja conveniente e útil, a sua generalização em forma de cosmovisão faz com que o ser humano passe “[...] a ver e experimentar a si mesmo e o seu mundo com se, na realidade, fosse constituído de fragmentos existentes separadamente”.

Esta reflexão denuncia a visão de mundo materialista, dualista, reducionista, determinista e mecanicista, assumida veementemente pela ciência tradicional, com base nas idéias renascentistas, como tão dogmática quanto a visão escolástica medieval, embora tenha sido fundamental para possibilitar a revolução científica ocorrida entre os séculos XVI e XVIII (DI BIASE; ROCHA, 2005). Amoroso (2005) ratifica esta ideia ao comparar a ciência a uma teologia em função da rigidez com que adere a seus princípios. Para esse autor, “ A crítica ao pensamento atual refere-se aos limites da investigação que é restrita por sua base metafísica míope” (AMOROSO, 2005, p. 34).



A CONCEPÇÃO DE CONSCIÊNCIA ATRAVÉS DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA.

Por se tratar de um tema transdisciplinar, a questão da consciência exige um intenso e complicado diálogo entre diversos ramos do saber. Embora seja um tema de tamanha complexidade, mesmo para os tempos atuais, a consciência foi o primeiro objeto de estudo da Psicologia (HEIDBREder,1981; SHULTZ; SHULTZ, 1981). A psicologia científica nasceu num momento histórico em que as ideias positivistas de Auguste Comte se uniam ao arcabouço paradigmático herdado do Renascimento para promover o desenvolvimento de diversas ciências. Entretanto, diante da estabelecida visão materialista, a possibilidade de torná-la uma ciência era realmente desafiadora. Visto que a mente humana carecia de concretude, não podia, ser diretamente observada nem medida. Sendo assim, como poderia ser considerada objeto de estudo científico? O surgimento da psicologia estava condicionado, portanto, à adequação de seu objeto de estudo ao paradigma materialista/mecanicista e de seu método de investigação às práticas positivistas vigentes na segunda metade do século XIX. (HEIDBREder,1981; SHULTZ; SHULTZ, 1981)

A despeito da falta de concretude da mente humana, a filosofia havia se acercado (foi antes da psicologia e influenciou seu nascimento) do tema da consciência, por meio do pensamento dos empiristas e associacionistas britânicos. Segundo Shultz e Shultz (1981, p. 44), na “[...] concepção empirista, a mente se desenvolve por meio do acúmulo progressivo de experiências sensoriais”. Estas são obtidas na relação que se estabelece entre o sujeito e o mundo concreto, atendendo, assim, às demandas de uma época materialista, em que todos os fatos deveriam ser descritos em termos físicos.

Durante o século XIX, a fisiologia também contribuiu nesse campo de estudos ao avançar no intuito de descrever anatomicamente o sistema nervoso. A descoberta de que estruturas separadas, denominadas neurônios, que se associavam por meio de sinapses, compunham as fibras nervosas, estava de acordo com a visão materialista e mecanicista da época (SHULTZ; SHULTZ, 1981). Os experimentos psicofisiológicos abriram a porta para que a Psicologia pudesse tornar-se ciência formal, a despeito da descrença em torno desta possibilidade, “[...] porque era impossível fazer experimentos com fenômenos e processos psicológicos, ou medi-los” (SHULTZ; SHULTZ,1981, p. 71).



Ainda que a Psicologia não tivesse um objeto de estudo concreto e diretamente observável, buscava estudar a consciência atribuindo-lhe as mesmas características atribuídas à matéria. Portanto, de acordo com a visão atomista da época, a mente também deveria ser estudada pela análise de seus componentes básicos. Para Heidbreder (1981, p. 113), “A tônica do empreendimento todo [a nova Psicologia Científica] era a tentativa de considerar o material psicológico da maneira como a ciência trata normalmente os seus elementos”.

A redução dos fenômenos mentais a processos associativos entre suas partes mais elementares, segundo Shultz e Shultz (1981, p. 46), “[...] formaram o núcleo da nova psicologia científica”. A esse respeito, Diamond, (¹ 1980 apud SHULTZ; SHULTZ, 1981, p.81), apoiando-se em Wundt, escreveu: “O primeiro passo na investigação de um fato tem de ser, por conseguinte, uma descrição dos elementos individuais, em que ele consiste”. Deste modo, seguindo a tradição dos empiristas britânicos, os primeiros psicólogos consideravam a sensação como a “partícula” elementar, ou seja, o “átomo” da consciência.

Houve, entretanto, diversas reações a essa concepção da experiência consciente ao longo da história da Psicologia, inicialmente, com o movimento funcionalista, ocorrido ainda no século XIX, que se opunha à restrição do estudo da consciência do ponto de vista puramente estrutural, em detrimento “[...] das funções utilitárias e práticas da mente, atividades ou operações conscientes em andamento” (SHULTZ; SHULTZ, 1981, p. 124). Enquanto aos estruturalistas, herdeiros de Wundt, interessavam os elementos mentais e as associações entre eles, aos funcionalistas interessava o que a mente faz e como ela faz (SHULTZ; SHULTZ, 1981).

Shultz e Shultz (1981) esclarecem que os adeptos do funcionalismo por terem a intenção de protestar contra a restrição e a falta de utilidade da visão estruturalista, mais do que de fundar uma escola de pensamento, não organizaram um corpo teórico único e consistente. Entretanto, é possível compreender, de forma geral, a concepção de consciência para o funcionalismo, por meio do pensamento do seu maior precursor, Willian James. A respeito da concepção de Willian James sobre a consciência, Marx e Hillix (1973, p. 194) salientam que a consciência “[...] é essencialmente um processo e deve ser estudada primordialmente como tal”. Esta afirmação evidencia a forte oposição à concepção estruturalista da consciência, que focava em seus elementos.

¹ Diamond, S. (1980). A plea for historical accuracy [Carta ao editor]. *Contemporary Psychology*, 25, 84-85 (copiei como estava no livro)



Ao optar pela ciência aplicada, o movimento funcionalista angariou objetividade para a Psicologia. Aliado a este fato, a influência de Darwin sobre o funcionalismo levou à dedução de uma “[...] possibilidade de continuidade no funcionamento mental entre os homens e os animais inferiores” (SHULTZ; SHULTZ, 1981, p. 130). Esta influência conduziu os psicólogos diretamente à psicologia animal comparativa que, por sua vez, influenciou no nascimento da abordagem comportamentalista da Psicologia. Segundo Shultz e Shultz (1981), Watson, fundador do comportamentalismo, acreditava que, para ser uma ciência objetiva, a psicologia deveria descartar todos os conceitos e termos mentalistas, negando veementemente a possibilidade de se estudar a consciência experimentalmente. Watson e McDougall (1929² apud SHULTZ; SHULTZ, 1981, p. 211) afirmavam que “[...] a consciência nunca foi sentida, tocada, cheirada, provada ou movida. É uma simples suposição tão improvável quanto o velho conceito de mente”). Para Watson, portanto, apenas o comportamento observável, passível de descrição objetiva quanto a estímulo e resposta, poderia ser objeto de estudo de uma Psicologia realmente científica. Desta forma, ele aplicava aos seres humanos os procedimentos e princípios experimentais da Psicologia animal.

Enquanto o movimento comportamentalista expulsava a consciência da Psicologia nos Estados Unidos, as ideias gestaltistas sobre a consciência como uma totalidade integrada eram desenvolvidas na Alemanha. Assim, por volta de 1920 foi a vez da Psicologia da Gestalt opor-se radicalmente à concepção estruturalista da mente, proposta por Wundt e seus discípulos, marcando a história com uma consistente e experimental concepção holística da consciência. Sob a influência de psicólogos como Franz Brentano e Willian James, entre outros, e por meio de estudos experimentais da percepção, os teóricos gestaltistas focaram na concepção da consciência como uma unidade, trazendo a importância da configuração para a significação das partes que não tinham, por sua vez, existência independente da forma (HEIDBREder, 1981; SHULTZ; SHULTZ, 1981). A Psicologia da Gestalt afirma que o todo é diferente da soma de suas partes, reconhecendo que “[...] totalidades significativamente organizadas exibem qualidades que estão ausentes em suas partes” (CAPRA, 1996, p.42).

Também no início do século XX, fora dos círculos da Psicologia acadêmica, inclusive dos laboratórios, desenvolveu-se uma outra abordagem – a psicanálise – muito significativa para a Psicologia, cujo fundador, Sigmund Freud, é conhecido mundialmente até mesmo entre o público leigo. Embora focasse na importância da integração de conteúdos inconscientes à

² Watson, J. B., & McDougall, W. (1929). *The battle of behaviorism*



consciência, para Freud “ A parte consciente, qual a porção visível de um *iceberg*, é pequena e insignificante, representando somente um aspecto superficial da personalidade total” (SHULTZ; SHULTZ, 1981, p. 344 . É no “vasto e poderoso inconsciente” que estariam contidos os instintos, verdadeira força propulsora de todo o comportamento humano. Posteriormente, Freud descreve a psique por meio dos constructos teóricos id, ego e superego, sem, contudo, desfazer a ideia da maior relevância do inconsciente sobre a consciência. Neste sentido, nota-se que Freud foi um pioneiro na percepção da natureza pluridimensional da mente humana. Segundo Di Biase e Rocha (2005, p. 69), graças ao gênio de Freud foi possível “[...] perceber que a nossa consciência possuía pelo menos mais um nível de vida psíquica: o inconsciente”.

Apenas no início dos anos 1960, o modelo holístico de consciência é retomado pelo movimento humanista da Psicologia. Segundo Shultz e Shultz (1981, p. 407), os pontos essenciais desta abordagem eram:

(1) uma ênfase na experiência consciente, (2) uma crença na integralidade da natureza e da conduta do ser humano, (3) a concentração no livre-arbítrio, na espontaneidade e no poder de criação do indivíduo, e (4) o estudo de tudo o que tenha relevância para a condição humana.

A Psicologia Humanista, chamada de terceira força (sendo as duas primeiras a Psicanálise e o Behaviorismo), propôs uma visão de ser humano menos determinista e limitada e “[...] parecia refletir a insatisfação e o desgosto veiculado pelos jovens dos anos 60 contra os aspectos mecanicistas e materialistas da cultura ocidental contemporânea” (SHULTZ; SHULTZ, 1981, p. 394). A psicologia tradicional, dual e mecanicista, representada pelo comportamentalismo e pela psicanálise, investiga os determinantes sociais, inconscientes e/ou genéticos do humano. Desta forma, enquanto as abordagens deterministas questionavam as causas do comportamento desajustado ou da personalidade patológica, a abordagem Humanista questionava o que tornava o sujeito autorrealizado, reconhecendo no humano maior liberdade e na doença uma oportunidade de crescimento e aprendizado (SHULTZ; SHULTZ, 1981).

A “proibição” da investigação da consciência pelo comportamentalismo foi aos poucos sendo superada. O tema, segundo Shultz e Shultz (1981), foi aparecendo em reuniões, conferências e publicações profissionais. A retomada da ênfase na consciência, fomentada pelo



humanismo, contribuiu para a ascensão de uma outra abordagem psicológica focada na experiência consciente: a Psicologia Cognitiva.

Enquanto o comportamentalismo supõe que o humano é uma resposta direta determinada por condições orgânicas e ambientais, a Psicologia Cognitiva insere uma mente que processa as informações do ambiente e as converte em comportamento (HEIDBREder, 1981). Shultz e Shultz (1981, p. 410) esclarecem que “[...] as respostas são usadas como fontes para a inferência dos processos mentais que as acompanham visto que o interesse dos psicólogos cognitivos está direcionado para a forma como a mente estrutura ou organiza a experiência. Analogamente ao século XVII, quando os relógios e autômatos serviam de metáfora à concepção mecânica do universo e da mente humana, o computador passa a servir de modelo para explicar os processos cognitivos no século XX. A esse respeito Shultz e Shultz (1981, p. 409) ressaltam que o funcionamento destas novas máquinas é “[...] corriqueiramente descrito em termos humanos”, como, por exemplo, quando se afirma que os computadores possuem inteligência artificial, quando sua capacidade de armazenamento é chamada de memória, quando seus códigos de programação são denominados de linguagens e quando se aponta para o desenvolvimento de novas gerações de computadores. Deste modo, embora os relógios tenham sido substituídos pelos computadores, ambos são máquinas, o que demonstra que a psicologia cognitiva não conseguiu superar a concepção mecanicista de universo.

Estas reflexões permitiram-nos constatar que a Psicologia Humanista e a Psicologia Cognitiva abordam a consciência de maneiras distintas; aquela de um ponto de vista mais holístico, espontâneo e vocacionada à autorrealização, enquanto a Psicologia Cognitiva atualiza a concepção determinista e mecanicista da consciência. Contudo, é fato que essas duas abordagens psicológicas retomaram de forma consistente a consciência como objeto de estudo da Psicologia, preparando o “terreno” para a transformação e o aprofundamento que estavam por vir com a concepção transpessoal da consciência.

PSICOLOGIA TRANSPessoAL: A EMERGENTE CONCEPÇÃO DE CONSCIÊNCIA

Ao se discutir a questão da consciência, levando-se em consideração a concepção dualista cartesiana, fica evidenciada a grande e inevitável dúvida metafísica: Qual é a



substância original da realidade, a material ou a abstrata? Isto é: A consciência teria dado origem à matéria ou a matéria teria dado origem à consciência? A essa questão, a ciência e a psicologia tradicionais, baseadas no pressuposto do realismo materialista respondem, sem hesitação, afirmando que a substância não apenas original, como unicamente real, é a material (GOSWAMI, A.; REED; GOSWAMI, M., 2012; GROF, 2007).

Entretanto, consoante Crema (1989), a concepção mecanicista de mundo, iniciada por Galileu Galilei e configurada por Isaac Newton, não era, originalmente, independente de uma cosmovisão mística. Além de pesquisador natural, o pai da mecânica clássica dedicou-se à teologia, à alquimia e ao exoterismo. O mundo-relógio concebido por Newton tinha um relojoeiro divino. Neste sentido, Crema (1989) ressalta que Descartes e Newton consideravam uma metafísica voltada para a “monarquia divina”, subjacente a seus modelos científicos e afirma que foram os discípulos desses precursores da ciência moderna “[...] que estreitaram suas visões originais, desidratando os seus modelos da dimensão transcendente e da reflexão sobre o essencial” (CREMA, 1989, p. 37)

É possível então inferir que a intenção dos fundadores do paradigma dualista-mecanicista não era criar uma ciência materialista. A. Goswami, Reed e M. Goswami (2012, p. 35) ratificam esta ideia afirmando que “Ao dividir o mundo em matéria e mente, a intenção de Descartes era estabelecer um acordo tácito: não atacaria a religião, que reinaria suprema em questões relativas à mente, em troca da supremacia da ciência sobre a matéria”. Segundo os autores citados, esse acordo funcionou por mais de 200 anos até que “[...] o sucesso da ciência em prognosticar e controlar o meio ambiente levou cientistas a questionar a validade de todo e qualquer ensinamento religioso.” (GOSWAMI, A.; REED; GOSWAMI, M., 2008, p. 35). Os cientistas passaram, portanto, a contestar o lado subjetivo, isto é, da mente ou espírito, do dualismo cartesiano.

Esta transição para uma desvalorização completa de tudo o que é abstrato também é apontada por Di Biase e Rocha (2005, p.35) quando relatam que, ao iniciar a matematização da ciência, no século XVI, Galileu haveria afirmado: “Aquilo que não pode ser medido e quantificado não é científico”. Entretanto, segundo esses autores, esta crença foi progressivamente transformada para o entendimento de que: “[...] o que não pode ser medido e quantificado não é real” (DI BIASE; ROCHA, 2005, p. 36). Desta forma, ao invés de reconhecer a incapacidade de seus métodos em alcançar o conhecimento sobre o imaterial, a ciência optou por supor sua inexistência. Assim, de acordo com esta acepção científica



tradicional de realidade, o ser humano não passaria de uma espécie de máquina orgânica que se organizou em formas de vida cada vez mais complexas, por obra total do acaso, gerando, acidental e ironicamente, a capacidade de refletir sobre essa condição extremamente limitada. Sendo máquinas orgânicas, teríamos sido desenvolvidos por meio da associação de elementos mais simples, como os átomos, que, à semelhança das engrenagens de uma máquina, formam uma totalidade funcional. Segundo Grof (1994, p. 16), nessa concepção de universo, a vida e a consciência humana nada mais seriam do que subprodutos acidentais da matéria, objetos essencialmente materiais “[...] quase iguais a animais altamente desenvolvidos ou máquinas biológicas pensantes.” E nossa “[...] consciência era encarada como nada mais que o produto daquele órgão pensante conhecido como cérebro” (GROF, 1994, p. 16).

Grof (1994, p. 17) esclarece que a crença de que a consciência seja um subproduto do cérebro não é inteiramente arbitrária, uma vez que, “Inúmeras observações clínicas e experimentais indicam estreita conexão entre consciência e certas condições neurofisiológicas e patológicas”. O autor constata que essas observações provam que há uma relação entre as funções mentais e os processos biológicos ocorridos no cérebro, e não “[...] que a consciência origine-se desses processos ou seja produzida pelo cérebro” (GROF, 1994, p. 17).

Entretanto, ressaltar a restrição e o dogmatismo da ciência em função da sua posição em relação aos fatos imateriais, por certo, não é o suficiente para compreender a transformação na cosmovisão, capaz de lançar nova luz às velhas questões. A compreensão do paradigma emergente exige uma análise mais cautelosa, como a que foi realizada por Kuhn (1998), ao destacar que o desenvolvimento da ciência, ao contrário do que geralmente se pensava, não ocorre pelo acúmulo de conhecimentos, visto que muitas descobertas tidas anteriormente como científicas passam a ser descartadas como mitos e superstições. Neste sentido, o desenvolvimento científico dar-se-ia mais por rupturas que proporcionariam a revelação de um novo mundo do que por acréscimo contínuo ao arcabouço de conhecimento já acumulado. Desta forma, em detrimento da imparcialidade almejada, os resultados alcançados pela ciência estariam totalmente atrelados à concepção de mundo dos cientistas e de sua maneira de praticar ciência em cada época.

Para Kuhn (1998), a pesquisa ajuda a avançar no sentido de “comprovar” a visão de mundo estabelecida até que, acidentalmente, termina identificando alterações que levam a mudanças nos próprios paradigmas que a orientam. A esse respeito, o autor esclarece que “A descoberta começa com a consciência da anomalia, isto é, com o reconhecimento de que, de



alguma maneira, a natureza violou as expectativas paradigmáticas que governam a ciência normal” (KUHN, 1998, p. 78). Entretanto, não é fácil admitir a falência da usual forma de resolução de problemas. Por isso, diante das anomalias, a resistência tende a se intensificar, e “até que o cientista tenha aprendido a ver a natureza de um modo diferente, o novo fato não será considerado completamente científico” (KHUN, 1998, p.78).

Assim, embora fenomenologias de caráter espiritual e parapsicológico tenham sido comumente relatadas ao longo da história da humanidade, é natural que seja difícil transpor a barreira de um paradigma tão bem-sucedido. Contudo, é também inegável que a poderosa cosmovisão dualista, mecanicista e materialista está em crise (CAPRA, 1982,1997; CREMA, 1989; GROF, 2007). Esta crise está totalmente ligada à sensação de separação proporcionada pela generalização da ideia de fragmentação embutida no paradigma mecanicista-cartesiano. Autores como Crema (1989) e Morin (2012) apontam para o risco da cegueira proporcionada pela superespecialização profissional baseada nessa visão fragmentada de mundo. A impossibilidade de compreender e solucionar os principais problemas atuais globais de forma isolada, aponta para a necessidade de transdisciplinaridade. Diversos autores indicam que uma nova consciência planetária, pautada no emergente paradigma holístico/ecológico é a oportunidade da humanidade de reversão do iminente apocalipse suicida (CAPRA, 1982/1996; GROF, 1994, CREMA, 1989; entre outros).

Di Biase e Rocha (2005) esclarecem que, nas primeiras décadas do século XX, as descobertas relacionadas a física relativística e a física quântica levaram, na segunda metade do século, a uma mudança paradigmática que seria responsável por grandes modificações na compreensão científica do universo.

Na concepção materialista está embutida a firme ideia de que o mundo real está lá fora independente do observador (GOSWAMI. A.; REED; GOSWAMI, M., 2012). Por outro lado, a teoria geral da relatividade de Einstein demonstrou a inseparabilidade entre espaço e tempo e a intercambialidade entre energia e matéria (DI BIASE; ROCHA, 2005). Os experimentos quânticos revelaram, especialmente a partir das experiências de De Broglie e Schrödinger, que, no mundo subatômico, os elementos são ao mesmo tempo materiais e imateriais, podendo apresentar-se tanto como onda (imaterial) quanto como partícula (material), a depender da interferência do observador (GOSWAMI, A.; REED; GOSWAMI, M., 2012). Esses experimentos desbancaram, ao mesmo tempo, a imparcialidade científica, a separação entre concreto e abstrato e o determinismo materialista. Capra (1982, p. 71) ratifica este ponto de



vista, ao afirmar, que “Na física atômica, não pode mais ser mantida a nítida divisão cartesiana entre matéria e mente, entre o observado e o observador”.

Obviamente, as consequências desse tipo de descoberta foram avassaladoras, pois transformaram profundamente toda a concepção de mundo que se sustentava desde o Renascimento. O outrora fragmentado mundo apresenta-se agora, de forma consistente, como uma inseparável unidade. Tal reformulação do pensamento científico extrapola a física e permeia diversos campos do conhecimento, em especial a Psicologia.

Com base em diversos experimentos científicos, observações clínicas e trabalhos pioneiros dentro do paradigma emergente, torna-se possível conceber uma mente que não está confinada no cérebro, ou seja, trata-se agora do entendimento de uma mente transpessoal (DI BIASE; ROCHA, 2005; GROF, 2007).

Bohm (2008) considera a consciência e a matéria como interdependentes, mas não ligadas causalmente. Para ele, ambas seriam manifestações de uma realidade implícita oculta, diferente tanto da matéria quanto da consciência. Essa realidade implícita seria proveniente de um holograma universal que, de acordo com Di Biase (1995, p. 44), “[...] é um tipo de sistema de registro óptico, em que todas as partes da imagem contêm a imagem completa sob forma condensada”. Segundo Bohm (2008), as frequências de onda provenientes de todo o cosmo geram um grande holograma universal que pode ser considerado como uma mente universal .

Para Grof (1994, p.23 e 24), sendo um holograma uma maneira de estocar informação onde o todo está disponível em cada parte e sendo verdadeiro que o universo é um gigantesco holograma, não é mais possível conceber os seres humanos como entidades newtonianas isoladas, visto que “[...] cada um de nós é também um microcosmo que reflete e contém o macrocosmo” o que possibilita ainda o “[...] acesso experimental, direto e imediato, para, virtualmente, cada aspecto do universo”.

Di Biase (1995) esclarece que este acesso de cada consciência a mente universal só ocorre em estados intensificados de percepção, nos quais se aquieta o funcionamento cerebral como ocorre, por exemplo, na meditação. Grof (2007) indica o potencial eurístico e curativo das experiências transpessoais possibilitadas por essa conexão promovida, entre outros, por diversas técnicas no âmbito da psicoterapia transpessoal. Neste sentido a cura disponível no universo também está em cada indivíduo, e o terapeuta torna-se um facilitador deste encontro com a inteireza.



Enfim, segundo Grof (1994), a consciência, do ponto de vista do paradigma holístico/ecológico/transpessoal, vai muito além da nossa caixa craniana. Para esse autor, a consciência transpessoal é infinita e estende-se além dos limites de tempo e espaço, desafiando a mente humana. Isso porque “[...] os limites que percebemos estão em nossa mente, não lá, no imenso e ilimitado universo. E, o que é verdadeiro sobre o espaço exterior para os astrônomos, é igualmente aplicável ao espaço interior da psique humana” (GROF, 1994, p.110).

Enfim, a vanguarda do pensamento psicológico avança no sentido de transcender o pessoal, por meio da concepção não-local da mente e da transcendência espiritual como parte do todo humano, reconhecendo uma unidade cósmica autoconsciente, que pode ser acessada pelos estados ampliados de consciência, retomando, em grande estilo, o primeiro objeto de estudo desta arrojada ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu-nos perceber uma estreita relação entre as transformações paradigmáticas e a evolução do conceito de consciência. Esta relação evidenciou que a ruptura com o pensamento escolástico medieval, dominado ideologicamente pela igreja, ocorreu por meio de uma reação de extrema racionalidade. Essa reação levou o pensamento científico a separar o mundo abstrato do concreto e a reivindicar seu pleno direito de pensar livremente, de maneira cada vez mais objetiva, sobre este mundo material.

Os avanços científicos, em especial o desenvolvimento das explicações mecânicas do universo e a construção das próprias máquinas, deram aos cientistas a metáfora perfeita. Assim, durante o Renascimento, o mundo-máquina assumiu o protagonismo da visão de mundo científica.

A Psicologia teve como primeiro objeto de estudo a consciência e, influenciada pelo paradigma dualista, mecanicista e materialista, precisou adequar suas teorias e métodos à cosmovisão do século XIX, a fim de se tornar uma ciência formal e independente. Desta forma, concebeu uma consciência mecânica, cujas engrenagens eram as sensações que se associavam em ideias progressivamente mais complexas. Estudiosos chegaram a supor que não seria possível estudar cientificamente a mente, expulsaram a consciência e qualquer alusão a conceitos mentalistas da Psicologia, tomando como único objeto de estudo o comportamento



observável. Entretanto, o estudo da consciência nunca foi totalmente retirado da psicologia, sendo realizado pela psicanálise e pela psicologia da gestalt na primeira metade do século XX, e pelas psicologias humanista e cognitiva após a década de 1960.

Nas primeiras décadas do século XX, as novas descobertas da física já haviam abalado os alicerces do paradigma cartesiano-mecanicista e materialista, apesar de seu domínio, durante aproximadamente 400 anos, ter deixado profundas marcas na história. Por um lado, o velho paradigma foi responsável por grandes avanços científicos, mas, por outro, a ênfase nas partes levou à desconexão de holos e conduziu à ilusão da separação que levou a humanidade à beira de um apocalipse suicida. Concluimos que a concepção de um universo uno, autoconsciente e indissociável seja fundamental para gerar a revolução de mentalidade necessária ao desenvolvimento de atitudes mais sustentáveis do ponto de vista da ecologia profunda.

Na concepção holística, a ideia de separação seria semelhante à tentativa de dividir um bailarino de sua dança. Nesta perspectiva, em que tudo é momento e processo, soma e significado, a consciência e a matéria são vistas como faces de uma mesma totalidade, como cara e coroa de uma mesma moeda.

Enfim, foi possível chegar-se à conclusão de que a separação entre onda e partícula, corpo e mente, indivíduo e sociedade, observado e observador, é artificial e falaciosa. A soma de elementos básicos não se organiza em algo significativo sem a informação contida em sua configuração que, por sua vez, também não tem existência independente das partes que a compõem.

Constatamos que é possível que a consciência universal, à qual todos nós estamos ligados, seja fruto da informação armazenada em forma de ondas, em todo o cosmo, formando um gigantesco holograma do qual se projeta a realidade tal qual a observamos em estado ordinário de consciência, num movimento cíclico de auto-organização e evolução. Concluimos que, por meio dos estados ampliados de consciência, podemos ter acesso direto a toda e qualquer informação universal, demonstrando a não-localidade da mente envolvida no conceito de transpessoalidade. Do mundo subatômico e dos estados ampliados da consciência emerge, portanto, uma realidade muito diferente do mundo previsível dos cientistas mecanicistas-cartesianos, feito apenas de matéria. No modelo transpessoal, cujas bases teóricas estão fundamentadas em importantes descobertas da física quântica a consciência apresenta-se similar ao universo. Desta forma, ao fazermos parte de uma grande consciência cósmica



holográfica e auto-organizadora, podemos realmente ser feitos à *imagem e semelhança* de Deus.

REFERÊNCIAS

AMOROSO, Richard. Consciência, uma definição radical: o dualismo da substância soluciona o Hard Problem. In: DI BIASE, Francisco; AMOROSO, Richard. (Org.) *A Revolução da Consciência: Novas descobertas sobre a mente no século XXI*. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 71-89

BOHM, David. *Totalidade e a ordem implicada*. Tradução de Teodoro Lorent. São Paulo: Madras, 2008.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.

DI BIASE, Francisco. *O homem holístico: a unidade mente-natureza*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DI BIASE, Francisco; ROCHA, Mário Sérgio. *Ciência, espiritualidade e cura: psicologia transpessoal e ciências holísticas*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. *Matrizes do pensamento psicológico*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2006.

GROF, Stanislav. *A mente holotrópica: novos conhecimentos sobre psicologia e pesquisa da consciência*. Tradução de Wanda de Oliveira Roselli. Niterói, RJ: Rocco, 1994.

_____. *Psicologia do futuro: lições das pesquisas modernas de consciência*. Tradução de Jussara de Avellar Serpa. Rio de Janeiro: Heresis, 2007.

GOSWAMI, Amit; REED, Richard E.; GOSWAMI, Maggie. *O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material*. Tradução de Ruy Jungmann. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2012.

HEIDBREDEER, Edna. *PSICOLOGIAS DO SÉCULO XX*. Tradução de Lauro S. Blandy. 5.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.



KRISHNAMURTI, Jiddu. *O voo da águia*. Tradução de Hugo Veloso. Rio de Janeiro: Instituição Cultural Krishnamurti, 1976.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MARX, Melvin H.; HILLIX, William A. *Sistemas e teorias em psicologia*. Tradução de Álvaro Cabral. 3. Ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SCHULTZ, Duane P; SCHULTZ, Ellen. S. *História da Psicologia moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Cultrix, 1981